



Revista de Estudios Sociales

ISSN: 0123-885X

Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes

Amoroso Botelho, João Carlos; Archangelo Okado, Lucas Toshiaki; Bonifácio, Robert
O declínio da democracia na América Latina: diagnóstico e fatores explicativos*

Revista de Estudios Sociales, núm. 74, 2020, Outubro-Dezembro, pp. 41-57

Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes

DOI: <https://doi.org/10.7440/res74.2020.04>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=81564846001>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

UDEM [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

O declínio da democracia na América Latina: diagnóstico e fatores explicativos*

João Carlos Amoroso Botelho**, Lucas Toshiaki Archangelo Okado*** e Robert Bonifácio****

Recebido: 28 de março de 2020 · Aceito: 23 de junho de 2020 · Modificado: 14 de julho de 2020

<https://doi.org/10.7440/res74.2020.04>

Citando: Botelho, João Carlos Amoroso, Lucas Toshiaki Archangelo Okado e Robert Bonifácio. 2020. “O declínio da democracia na América Latina: diagnóstico e fatores explicativos”. *Revista de Estudios Sociales* 74: 41-57. <https://doi.org/10.7440/res74.2020.04>

RESUMO | O artigo insere a América Latina no debate sobre um declínio da democracia. Com dados de *Latino-barómetro* e *Varieties of Democracy* (V-DEM), constata-se que a democracia está em declínio na região, já que indicadores como apoio e satisfação com o regime, confiança nas instituições e Índice de Democracia Liberal atingiram os piores níveis das suas séries históricas ou voltaram a eles. O perfil político ambivalente e autoritário da população latino-americana composto de pessoas jovens, com escolaridade baixa, desconfiadas das instituições e insatisfeitas com a democracia foi outro achado da pesquisa. Constata-se, ainda, que longevidade e qualidade da democracia medeiam relações em nível individual, o que favorece a aversão a opções autoritárias. Os resultados estão em sintonia com os achados recentes sobre o declínio da democracia no mundo.

PALAVRAS-CHAVE | América Latina; confiança nas instituições; declínio da democracia; perfis políticos ambivalente e autoritário; satisfação com a democracia

El declive de la democracia en América Latina: diagnóstico y factores explicativos

RESUMEN | El artículo introduce a América Latina en el debate acerca del declive de la democracia. A partir de datos de *Latinobarómetro* y *Varieties of Democracy* (V-DEM), se evidencia que la democracia está en declive en la región, una vez que indicadores como apoyo y satisfacción con el régimen, confianza en las instituciones e Índice de Democracia Liberal alcanzaron los peores niveles de su historia, o volvieron a estos. Otro hallazgo se refiere a que el perfil político ambivalente y autoritario de la población latinoamericana se compone de jóvenes, con bajo nivel educativo, desconfiados de las instituciones e insatisfechos con la democracia. Asimismo, se evidencia que longevidad y calidad de la democracia influyen las relaciones a nivel individual, lo que fortalece la aversión a opciones autoritarias. Estos resultados están en sintonía con los hallazgos recientes sobre el declive de la democracia en el mundo.

PALABRAS CLAVE | América Latina; confianza institucional; declive de la democracia; perfil político ambivalente y autoritario; satisfacción con la democracia

- * O artigo é um produto das investigações científicas desenvolvidas pelos autores no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Político e Qualidade da Democracia (Compoq), da Universidade Federal de Goiás (UFG), e vincula-se ao projeto cadastrado na UFG intitulado “O déficit democrático na América Latina: diagnóstico e fatores explicativos”. Os autores não contaram com financiamento para suas pesquisas.
- ** Doutor em Ciência Política pela Universidade de Salamanca, Espanha. Professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, Brasil. Últimas publicações: “Da perda de legitimidade à polarização: os partidos e os sistemas partidários de Argentina e Venezuela”. *Caderno CRH* 31 (83): 407-426, 2018; “O desafio do método e da política comparada no Brasil: uma experiência com ensino de QCA” (coautor). *Agenda Política* 6 (3): 132-162, 2018. ✉ joaocarlosbotelho@hotmail.com
- *** Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná, Brasil. Bolsista pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Goiás, Brasil. Últimas publicações: “Cultura política e a ênfase na escolha: a teoria evolutiva da emancipação humana” (coautor). *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados* 12 (28): 17-41, 2019; “Partidarismo, ciclos de vida e socialização política no Brasil” (coautor). *Pró-Posições* 29 (1): 267-295, 2018. ✉ lucas.okado@gmail.com
- **** Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, Brasil. Últimas publicações: “Mapeando a participação política nas Américas e no Caribe: discussão conceitual e aproximações empíricas” (coautor). *Sociedade e Cultura* 20 (2): 240-267, 2018; “Desvendando a relação entre corrupção e participação política na América Latina: diagnóstico e impactos da exposição a atos corruptos sobre a participação política” (coautor). *Revista de Sociologia e Política* 25 (63): 27-52, 2017. ✉ rbonisilva@gmail.com

The Decline of Democracy in Latin America: Diagnosis and Explanatory Factors

ABSTRACT | The article introduces Latin America to the debate about the decline of democracy. Based on data from *Latinobarómetro* and *Varieties of Democracy* (V-DEM), it becomes clear that democracy is in decline in the region, since indicators such as support and satisfaction with the regime, confidence in institutions, and the Index of Liberal Democracy have reached or returned to their worst levels ever. Another finding is that the ambivalent and authoritarian political profile of the Latin American population is made up of young people, with a low level of education, distrustful of institutions, and dissatisfied with democracy. It is also evident that the longevity and quality of democracy influences relationships at the individual level, strengthening the aversion to authoritarian choices. These results are in line with recent findings on the decline of democracy worldwide.

KEYWORDS | Ambivalent and authoritarian political profile; decline of democracy; institutional confidence; Latin America; satisfaction with democracy

Introdução

O debate sobre a difusão da democracia pelo mundo e sobre os problemas na instauração e no desenvolvimento do regime tem modificado seu foco de interesse ao longo do tempo. Das condições para a emergência da democracia em contextos autoritários, como os da América Latina e do Leste da Europa nos anos 1980 e 1990, passou-se para a qualidade do regime em democracias novas e antigas, desde os anos 2000. Mais recentemente, o foco se direcionou a um suposto declínio da democracia no mundo, inclusive na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Um marco dessa discussão é a publicação em 2015 da edição de 25 anos do *Journal of Democracy*, sob o título de “Is Democracy in Decline?”. O debate considera o número de regimes e reversões autoritárias, o estado do conjunto de direitos políticos e civis, a ascensão de movimentos políticos e líderes que ameaçariam liberdades individuais, a insatisfação com a democracia e o apoio a opções políticas autoritárias.

O artigo se propõe a inserir nesse debate a América Latina, onde questões destacadas na discussão têm sido relevantes, como a ascensão de forças políticas e líderes com discursos e práticas autoritárias e a perda de confiança da população nas instituições representativas, de câmaras legislativas a partidos e políticos.

Depois de 45 anos desde o início da chamada terceira onda de democratização e de, ao menos, três décadas desde as transições para a democracia em muitos países latino-americanos, dados do *Latinobarómetro* e do projeto *Varieties of Democracy* (V-DEM) mostram que indicadores, como o apoio e a satisfação com o regime, a confiança nas instituições e o *Liberal Democracy Index* (LDI), atingiram ou voltaram a apresentar os piores níveis das suas séries históricas na América Latina. Esse diagnóstico leva à conclusão de que a democracia está em declínio na região. Para explicar a tendência, os perfis políticos ambivalente e autoritário da população latino-americana foram investigados com dados das rodadas de 2002, 2009, 2016 e 2018 do *Latinobarómetro*. Os resultados indicam que esses perfis se compõem de

peças jovens, com escolaridade baixa, desconfiadas das instituições e insatisfeitas com a democracia.

Os achados do artigo estão em sintonia com outros trabalhos recentes sobre o declínio da democracia no mundo em, ao menos, dois pontos. Foa e Mounk (2016) também encontraram que o perfil autoritário em países ocidentais desenvolvidos se compõe de jovens. Por sua vez, duas das demais características dos perfis políticos ambivalente e autoritário na América Latina, a desconfiança das instituições e a insatisfação com a democracia, se alinham à explicação de Mounk (2019) para o declínio, que refletiria a insatisfação popular com uma situação de liberalismo antidemocrático, típica de regimes que, por um lado, respeitam o Estado de direito e protegem minorias e, por outro, falham em traduzir preferências populares em políticas públicas. Essa insatisfação estimularia ainda a ascensão de movimentos e líderes que ameaçam liberdades individuais, agravando o quadro de erosão democrática.

No próximo tópico, faz-se uma discussão teórica sobre o declínio da democracia. Em seguida, descreve-se a trajetória de indicadores relacionados com o regime em uma perspectiva longitudinal, o que leva à constatação de que a democracia está em declínio na América Latina. Ainda nesse item, as hipóteses são apresentadas. O terceiro tópico trata dos aspectos metodológicos. A ele, segue-se uma análise sobre os fatores explicativos dos perfis políticos ambivalente e autoritário da população latino-americana e sobre as interações entre variáveis de atributos individuais e contextuais. Para concluir o texto, as considerações finais sintetizam os resultados e as contribuições do artigo.

O debate atual sobre o declínio da democracia

As preocupações com as democracias existentes foram das transições e das consolidações (Gunther, Diamandouros e Puhle 1995; Linz e Stepan 1999; O'Donnell, Schmitter e Whitehead 1986), típicas das primeiras décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial e da terceira onda

de democratização (Huntington 1991), ao enfoque na qualidade do regime (Diamond e Morlino 2004; Levine e Molina 2011; O'Donnell, Vargas Cullell e Iazzetta 2004).

Paralelamente, autores como Norris (1999 e 2011) e Inglehart e Welzel (2005) têm centrado suas atenções nas atitudes individuais com relação à democracia e constatado que a convivência com o regime torna os cidadãos mais críticos, assim como o avanço das condições de vida fomenta valores de autoexpressão, o que favoreceria a tolerância e a democracia. Por outro lado, uma corrente crítica da teoria política (Alvarado-Espina 2018; Crouch 2004; Merkel 2014; Mouffe 2000; Streeck 2011) vem traçando cenários de crise no regime com base em paradoxos e problemas no seu funcionamento.

A visão pessimista adquiriu ressonância no campo do institucionalismo a partir da publicação da edição de 25 anos do *Journal of Democracy*. Com alguma dissonância (Levitsky e Way 2015; Schmitter 2015), os artigos apresentam enfoques e evidências distintas para apontar um declínio em número, desempenho, predomínio geopolítico e atratividade das democracias no mundo (Diamond 2015; Fukuyama 2015; Kagan 2015; Plattner 2015).

Foa e Mounk (2016 e 2017) vão além e, tendo democracias da América do Norte e da Europa como referência, identificam um risco de desconsolidação. Para eles, com base nas edições de 1995 a 2014 do *World Values Survey*, os cidadãos não só estão mais críticos dos seus líderes como mais cínicos sobre o valor da democracia, menos esperançosos de que possam influenciar as políticas públicas e mais dispostos a apoiar opções autoritárias. Também teria havido uma inversão na opinião das gerações. Se, não há muito tempo, jovens eram mais entusiastas dos valores democráticos do que idosos, hoje, segundo os autores, o respaldo ao radicalismo político é maior entre jovens, enquanto o apoio à liberdade de expressão é menor.

Foa e Mounk (2016) rejeitam ainda a avaliação de que o apoio crescente a formas autoritárias de governo se concentra entre os chamados perdedores da globalização, já que os autores também encontram respaldo a elas entre jovens e ricos. Nesse segmento, o apoio a que militares governem passou de 6% para 35% entre 1995 e 2011 nos Estados Unidos.

Essas opiniões estariam cada vez mais se refletindo no comportamento eleitoral. Partidos e candidatos que se voltam contra o *establishment* político, buscam concentrar poder e questionam normas democráticas têm sido exitosos em muitos países pelo mundo. Para Foa e Mounk (2017), as democracias consolidadas são estáveis porque seus cidadãos consideram que o regime é legítimo e que as opções autoritárias são inaceitáveis; mas, quando uma minoria significativa já não pensa assim e vota em candidatos antissistema que desprezam

elementos constitutivos do regime, pode-se dizer que a democracia está se desconsolidando.

Em resposta a Foa e Mounk (2016), Inglehart (2016) argumenta que as tendências que os dois autores identificam são um efeito do momento pelo qual passam os Estados Unidos, onde a democracia teria se tornado disfuncional, visto que a maioria da população teria sentido um declínio da sua renda associado a um aumento da desigualdade. Nessas condições, em que a sobrevivência está em xeque, seria previsível que houvesse um impacto no apoio à democracia. A perspectiva de longo prazo para o regime seria, de fato, sombria na hipótese de que essas condições se tornem permanentes.

Do diagnóstico de declínio ou desconsolidação da democracia, o debate se direcionou a tentativas de explicar essa tendência. Mounk (2019) a associa à insatisfação com o regime, que, por sua vez, se alimentaria de uma situação de liberalismo antidemocrático. A ascensão de movimentos e líderes que atentam contra liberdades seria, então, um reflexo da insatisfação popular com regimes que, por um lado, respeitam o Estado de direito e protegem minorias e, por outro, falham em traduzir preferências populares em políticas públicas.

As origens dessa falha seriam duas: 1) a atuação de instituições que retiram áreas de política e decisões do controle democrático, cujos principais exemplos são agências burocráticas autônomas, bancos centrais, cortes judiciais e tratados comerciais; 2) o insulamento dos políticos com relação a quem os elege, em razão do papel crescente do dinheiro na política e do distanciamento entre as experiências pessoais e profissionais dos políticos, assim como suas condições de vida e a situação da maioria dos eleitores.

Na avaliação de Howe (2017), a insatisfação com a democracia é insuficiente para explicar a tendência de declínio do regime. Segundo ele, os sentimentos antidemocráticos se vinculam mais a mudanças corrosivas que estariam remodelando as sociedades. Para ilustrar esse ponto, o autor mostra que não há diferença significativa nos Estados Unidos entre quem tem mais ou menos confiança nas instituições políticas com relação às opiniões sobre líder forte e governo militar e ao apoio a eleições livres, direitos civis e democracia. Não seria, então, a insatisfação com o funcionamento do regime que explica o ceticismo com a democracia como princípio.

Se, como mostrou Norris (1999), cidadãos críticos podem seguir comprometidos com o regime, não se passaria o mesmo com quem é propenso a aceitar suborno, sonegar impostos, receber benefícios direcionados a outros e evitar multas. Segundo Howe (2017), aqueles que veem menos problemas nessas atitudes são mais favoráveis a líder forte e governo militar e apoiam menos eleições livres, direitos civis e democracia. A indiferença quanto

ao regime, então, se entrelaçaria com uma gama ampla de atitudes antissociais e autointeressadas. O autor encontra que a avaliação de que essas atitudes são justificáveis é maior entre os jovens e vai crescendo nesse segmento com o passar do tempo. Tudo isso poderia estar relacionado com o individualismo crescente das gerações mais jovens.

Por outro lado, Norris e Inglehart (2019) sustentam que a ascensão de movimentos e líderes que atentam contra liberdades individuais é a conversão em votos de uma reação ao que chamam de “revolução silenciosa”. Transformações de longo prazo nas sociedades ocidentais desenvolvidas teriam melhorado as condições de vida e levado a uma revolução nos valores culturais, em que o instinto de sobrevivência teria cedido lugar à autoexpressão, na forma de valores pós-materialistas, sobretudo para as novas gerações. Com a perda de espaço, além das dificuldades econômicas e do crescimento da diversidade social, grupos que preservam valores conservadores teriam reagido e se aproveitado do interesse menor dos jovens em votar, resultando na eleição de representantes que canalizam os temores desses grupos por meio de uma narrativa de “nós” contra “eles”.

Segundo Norris e Inglehart (2019), os valores conservadores são mais fortes entre pessoas nascidas no período entre guerras, sem nível universitário, da classe operária, religiosas, brancas, do sexo masculino e residentes em zonas rurais. Conforme sejam substituídas pelas novas gerações com nível universitário e residentes em metrópoles etnicamente diversas, os efeitos eleitorais da sua reação cultural se desvaneceriam.

Em resumo, há uma discrepância clara no último grupo de autores destacados com relação a pelo menos quatro aspectos: 1) a explicação para a tendência de declínio da democracia; 2) o entendimento da ascensão de movimentos e líderes que ameaçam liberdades individuais como causa ou consequência do declínio; 3) a avaliação da tendência declinante como duradoura ou passageira; 4) o papel das gerações mais jovens no processo.

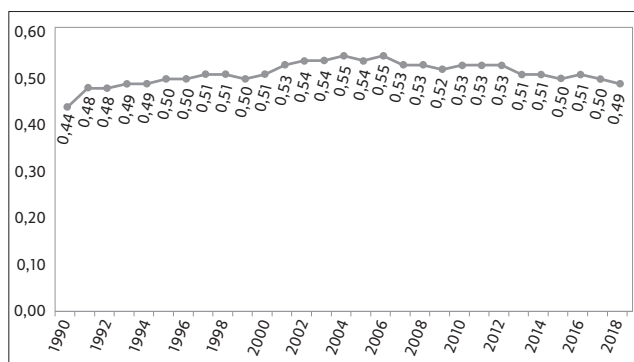
Os próximos tópicos se concentrarão em inserir a América Latina nesse debate para apresentar evidências e dar respostas, ao menos parciais, às discrepâncias enumeradas acima. De início, indicadores usuais da literatura serão aplicados ao contexto latino-americano, utilizando séries históricas completas de pesquisas de opinião com abrangência regional e fornecendo evidências para os pontos 1 e 3. Por sua vez, o tópico seguinte esclarecerá, em alguma medida, as questões em aberto nos itens 2 e 4, testando fatores extraídos da literatura para explicar o perfil autoritário na América Latina em quatro pontos no tempo.

O panorama de declínio da democracia na América Latina

Norris e Inglehart (2019) sugerem que uma avaliação sobre o declínio da democracia parta do entendimento de Linz e Stepan (1999) para a consolidação do regime e priorize a dimensão das atitudes individuais com relação à democracia, mais especificamente se a maioria da população a considera como a melhor forma de governo.¹ Para Norris e Inglehart, também é necessário que a avaliação leve em conta aspectos como a satisfação com a democracia e a confiança nas instituições representativas, sobretudo parlamentos e partidos. A análise que se fará neste tópico aplica essas considerações ao contexto latino-americano e conclui que a democracia está em declínio na região. Os países enfocados são: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

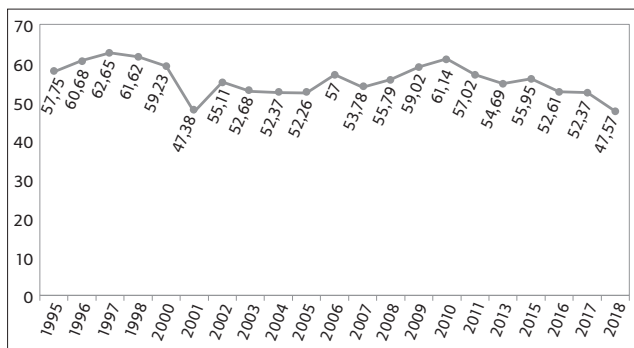
O *Latinobarómetro* tem séries históricas a partir de 1995 para as variáveis sugeridas por Norris e Inglehart (2019). Depois de ao menos três décadas desde as transições para a democracia em muitos países latino-americanos, o apoio e a satisfação com o regime e a confiança nas instituições, assim como o LDI, atingiram ou voltaram aos piores níveis das respectivas séries. Começando pelo LDI, que congrega os princípios eleitoral e liberal da democracia, com cinco componentes para o primeiro e três para o segundo e um total de 69 indicadores, o valor médio para os 17 países considerados foi de 0,49 em 2018, em uma escala que vai de 0, a pior situação, a 1, a melhor (ver Gráfico 1). Esse valor só não é pior do que os de 1990 a 1992, quando as transições para a democracia ainda não haviam se completado em alguns casos da região, e iguala os de 1993 e 1994. Logo, a América Latina teve, em 2018, o segundo pior LDI desde 1992. Ademais, foi a primeira vez que o valor médio ficou abaixo de 0,50 desde 1995. A trajetória dos dados apresenta variações pequenas entre os anos, com uma tendência ascendente de 1990 a 2004, estabilidade nos maiores níveis da série entre 2004 e 2006 e, a partir de então, uma queda até 2018. A variação entre os países foi grande em 2018, de 0,06 para a Nicarágua a 0,83 para a Costa Rica (para os dados de 2018 por país em todas as variáveis analisadas neste tópico, consultar o Apêndice A).

1 Além do âmbito das atitudes da população, Linz e Stepan entendem que a consolidação abrange outras duas dimensões: a do comportamento dos atores políticos, em que nenhum grupo relevante faz tentativas sérias de ruptura da institucionalidade democrática; e a dos aspectos constitucionais, em que os conflitos políticos são resolvidos de acordo com as normas estabelecidas.

Gráfico 1. Média regional do Índice de Democracia Liberal, 1990-2018

Fonte: elaboração própria com base em dados do projeto V-DEM.

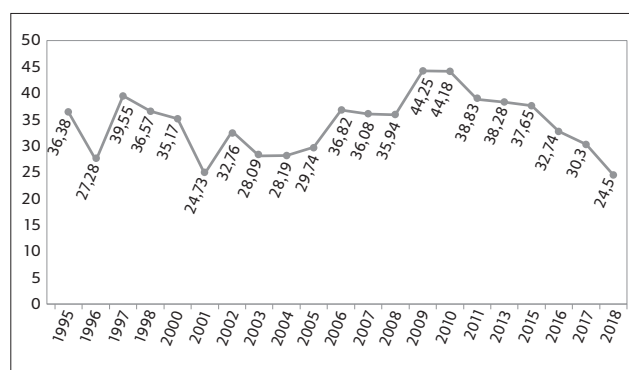
No caso do apoio à democracia, a série histórica do *Latinobarómetro*, iniciada em 1995, teve seu ponto mais baixo em 2001, com 47,38% que responderam, na média regional, que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo, enquanto o pico foi em 1997, com 62,65% (ver Gráfico 2). Na pesquisa relativa a 2018, 47,57% responderam que preferem a democracia, o segundo pior valor da série. Os percentuais de 2001 e 2018 são os únicos abaixo dos 50%. A trajetória dos dados é descendente a partir de 2010, com uma queda acentuada, ainda que não seja ininterrupta, que vai de 61,14% de apoio ao regime em 2010 a 47,57% em 2018. A variação entre os países em 2018 foi de 27,7% em El Salvador a 74,5% na Venezuela (consultar Apêndice A). O apoio à democracia entre os(as) venezuelanos(as) contrasta com a situação do país no LDI, a segunda pior entre os 17 casos considerados aqui, só à frente da Nicarágua.

Gráfico 2. Média regional de apoio à democracia, 1995-2018²

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

2 Pergunta: “¿Con cuál de las siguientes frases está Ud. más de acuerdo? ‘La democracia es preferible a cualquier otra forma de gobierno’. ‘En algunas circunstancias, un gobierno autoritario puede ser preferible a uno democrático’. ‘A la gente como uno, nos da lo mismo un régimen democrático que uno no democrático’”. São utilizados somente os percentuais relativos com a seguinte resposta: “La democracia es preferible a cualquier otra forma de gobierno”.

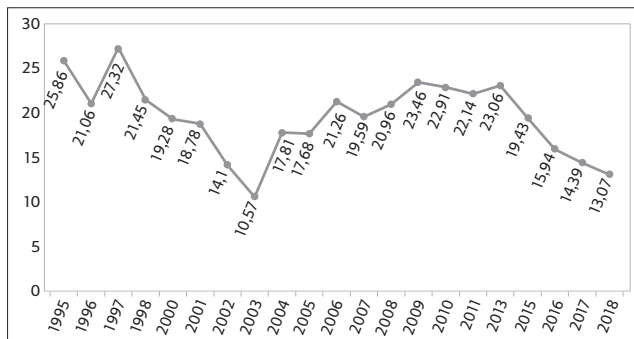
A satisfação com a democracia teve uma trajetória semelhante à do apoio ao regime na série histórica, que também se inicia em 1995. A soma dos percentuais de “muito satisfeito” e “mais bem satisfeito” em 2018 foi de 24,5%, o menor valor no período (ver Gráfico 3). O ano em que se chegou mais perto disso foi 2001, com 24,73%. Os índices de 2001 e 2018 são os únicos abaixo de 25%. Na trajetória dos dados, a tendência é descendente a partir de 2010, com uma queda acentuada, ainda que não seja ininterrupta, que vai de 44,25% de satisfação com a democracia em 2010 a 24,5% em 2018. Assim como no apoio ao regime, a variação entre os países foi grande em 2018, de 8,7% no Brasil a 46,8% no Uruguai (consultar Apêndice A).

Gráfico 3. Média regional de satisfação com a democracia, 1995-2018³

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

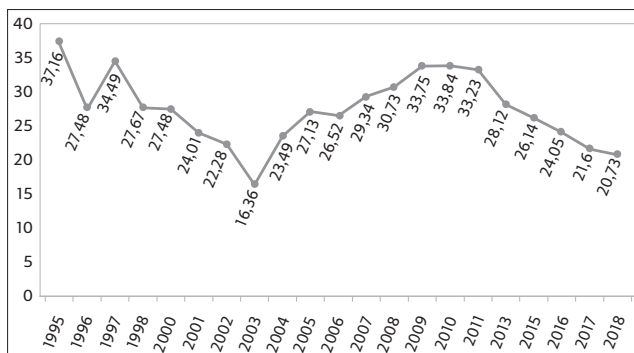
A confiança nas instituições democráticas é outra dimensão em que o declínio é evidente. Partidos políticos, Poder Legislativo e governos voltaram em 2018 aos níveis mais baixos de confiança das respectivas séries históricas, que se iniciam em 1995 (ver gráficos 4, 5 e 6). A soma de “muita” e “alguma” confiança nos partidos foi de 13,07% na média regional, o que só supera os 10,57% registrados em 2003. O maior valor do período foi de 27,32%, em 1997. A queda é acentuada e ininterrupta entre 2013 e 2018, com a confiança nos partidos passando de 23,06% para 13,07%. Na variação entre os países em 2018, a soma de “muita” e “alguma” confiança nos partidos foi de 6% em El Salvador a 21,2% no Uruguai (consultar Apêndice A).

3 Pergunta: “En general, ¿diría Ud. que está muy satisfecho, más bien satisfecho, no muy satisfecho o nada satisfecho con el funcionamiento de la democracia en [país]?” São utilizados somente os percentuais relativos com as seguintes respostas: “Muy satisfecho” e “Más bien satisfecho”.

Gráfico 4. Média regional de confiança nos partidos políticos, 1995-2018⁴

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

Com relação ao Poder Legislativo, a situação é semelhante: os 20,73% de “muita” e “alguma” confiança registrados em 2018 são o segundo pior valor da série histórica, só superando os 16,36% de 2003. O pico do período foi em 1995, com 37,16%. A trajetória de confiança é descendente a partir de 2011, com uma queda acentuada e ininterrupta que vai de 33,23% a 20,73% em 2018. Na variação entre os países, o Peru, onde um presidente renunciou em 2018 para evitar a destituição pelo Legislativo, teve a pior avaliação desse poder naquele ano, com 8% somados de “muita” e “alguma” confiança, contra 33% no Uruguai (consultar Apêndice A).

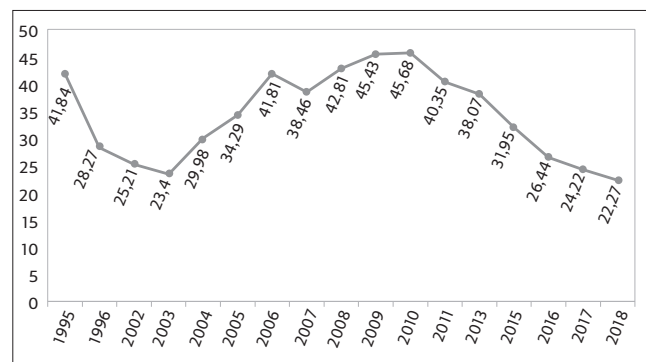
Gráfico 5. Média regional de confiança no Poder Legislativo, 1995-2018⁵

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

4 Pergunta: “Por favor, mire esta tarjeta y dígame, para cada uno de los grupos/instituciones o personas mencionadas en la lista. ¿Cuánta confianza tiene usted en ellas: Mucha, Algo, Poco o Ninguna confianza en [...]?”. Seleccionando-se a opção dos “partidos políticos”, foram utilizados somente os percentuais relativos com as seguintes respostas: “Mucha” e “Algo”.

5 Pergunta: “Por favor, mire esta tarjeta y dígame, para cada uno de los grupos/instituciones o personas mencionadas en la lista. ¿Cuánta confianza tiene usted en ellas: Mucha, Algo, Poco o Ninguna confianza en [...]?”. Seleccionando-se a opção do “poder legislativo”, foram utilizados somente os percentuais relativos com as seguintes respostas: “Mucha” e “Algo”.

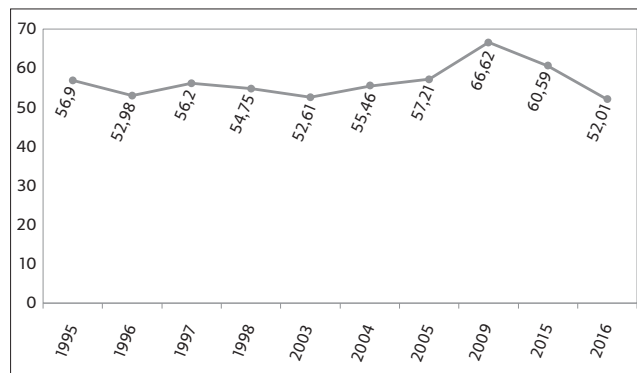
A confiança no governo foi a que atingiu o pior valor da série histórica em 2018, de 22,27% na média regional. Os índices de 2003, em 23,40%, e 2018 foram os únicos abaixo de 25%. O pico do período foi em 2010, com 45,68%. A trajetória descendente da confiança no governo é acentuada e ininterrupta de 2010 a 2018, passando de 45,68% para 22,27%. O menor valor somado de “muita” e “alguma” confiança no governo em 2018 foi o de 7,1% registrado no Brasil, que também teve o segundo menor para os partidos (consultar Apêndice A). O Uruguai foi o país onde o governo inspirou a maior confiança na população, com 38,7%, repetindo a situação dos partidos e do Legislativo uruguaios na comparação com as contrapartes latino-americanas.

Gráfico 6. Média regional de confiança no governo, 1995-2018⁶

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

A importância de votar é mais um indicador em que a situação no último ano para o qual há dado disponível foi a pior da série histórica. Esse indicador é relevante porque ajuda a estimar o quanto se valoriza o voto como um instrumento de mudança social. A série, nesse caso, tem menos pontos, já que os intervalos de um ano a outro em que se fez a pergunta são maiores, e vai até 2016. Naquele ano, os 52,01% que responderam na média regional que “a maneira como alguém vota pode fazer com que as coisas sejam melhores no futuro” foram o menor percentual da série histórica, iniciada em 1995 (ver Gráfico 7). Só há mais um ano com valor abaixo dos 53%, que foi 1996, com 52,98%. O pico foi em 2009, com 66,62%. Apesar da limitação de pontos no tempo, nota-se uma queda acentuada entre 2009, com 66,62%, e 2016, com 52,01%. A variação entre os países que dão importância ao voto foi grande em 2016, sendo 36,50% em Honduras e 78,70% na Venezuela (consultar Apêndice A).

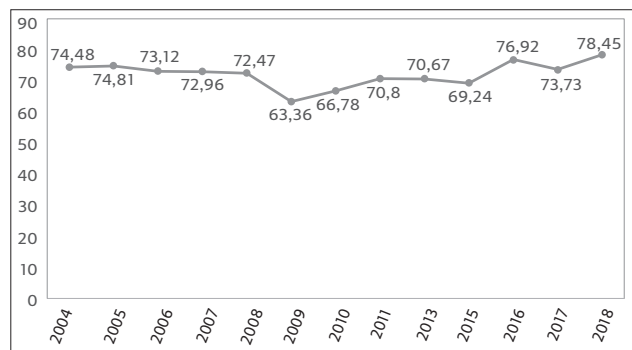
6 Pergunta: “Por favor, mire esta tarjeta y dígame, para cada uno de los grupos/instituciones o personas mencionadas en la lista. ¿Cuánta confianza tiene usted en ellas: Mucha, Algo, Poco o Ninguna confianza en [...]?”. Seleccionando-se a opção do “governo”, foram utilizados somente os percentuais relativos com as seguintes respostas: “Mucha” e “Algo”.

Gráfico 7. Média regional de importância do voto, 1995-2016⁷

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

Há ainda um indicador que é ilustrativo do cenário atual na América Latina, em que relações de promiscuidade entre os poderes econômico e político são expostas em escândalos de corrupção. A pergunta, incluída desde 2004 nas rodadas do *Latinobarómetro*, apura a opinião sobre se o país é governado por grupos poderosos em próprio benefício ou para o bem de toda a população. O percentual de quem escolheu a primeira opção em 2018 foi o maior da série histórica, atingindo 78,45% (ver Gráfico 8). Foi a primeira vez que superou os 78%, após ter

registrado seu valor mais baixo em 2009, com 63,36%. A trajetória dos dados, então, é ascendente de 2009 a 2018, com uma elevação acentuada entre os dois anos; mas a oscilação no período também foi significativa. A variação entre os países em 2018 que consideram que grupos poderosos governam o país em próprio benefício foi de 60,4% na Bolívia a 90% no Brasil (consultar Apêndice A).

Gráfico 8. Média regional de governo de poderosos, 2004-2018⁸

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

A fim de organizar os resultados e as tendências para cada indicador analisado, o Quadro 1 sintetiza as informações.

Quadro 1. Tendência e trajetória dos indicadores de democracia na América Latina

Variável	Tendência	Trajetoira do indicador
Índice de Democracia Liberal	Declínio	Descendente de 2009 a 2018, com uma queda não ininterrupta e variações pequenas. Segundo pior índice da série.
Apoio à democracia	Declínio	Descendente de 2010 a 2018, com uma queda não ininterrupta e acentuada. Segundo pior valor da série histórica.
Satisfação com a democracia	Declínio	Descendente de 2010 a 2018, com uma queda não ininterrupta e acentuada. Segundo pior valor da série histórica.
Confiança nos partidos políticos	Declínio	Descendente de 2013 a 2018, com uma queda ininterrupta e acentuada. Segundo pior valor da série histórica.
Confiança no Poder Legislativo	Declínio	Descendente de 2011 a 2018, com uma queda ininterrupta e acentuada. Segundo pior valor da série histórica.
Confiança no governo	Declínio	Descendente de 2010 a 2018, com uma queda ininterrupta e acentuada. Pior valor da série histórica.
Importância do voto	Declínio	Descendente de 2009 a 2016, com uma queda ininterrupta e acentuada. Pior valor da série histórica.
Governo de poderosos	Ascensão	Ascendente de 2009 a 2018, com elevação não ininterrupta e acentuada, mas muita oscilação. Pior valor da série histórica.

Fonte: elaboração própria.

7 Pergunta: “Algunas personas dicen que la manera como uno vota puede hacer que las cosas sean diferentes en el futuro. Otros dicen que independientemente de cómo vote, no hará que las cosas sean mejores en el futuro. ¿Cuál frase está más cerca de su manera de pensar?”. Foram utilizados só os percentuais relativos com a seguinte resposta: “La manera como uno vota puede hacer que las cosas sean mejores en el futuro”.

8 Pergunta: “En términos generales ¿diría usted que [país] está gobernado por unos cuantos grupos poderosos en su propio beneficio, o que está gobernado para el bien de todo el pueblo?”. Foram utilizados só os percentuais relativos com a seguinte resposta: “Grupos poderosos en su propio beneficio”.

Acusações de corrupção e/ou desvio de conduta, com mais ou menos provas e respeito às regras conforme o caso, levaram à destituição ou à renúncia de cinco presidentes latino-americanos nos anos 2010, que foram Fernando Lugo, em 2012, no Paraguai; Otto Pérez Molina, em 2015, na Guatemala; Dilma Rousseff, em 2016, no Brasil; Pedro Pablo Kuczynski, em 2018, no Peru; e Evo Morales, em 2019, na Bolívia. Esses acontecimentos se refletem nas avaliações sobre o sistema político e nas preocupações da população. No *Latinobarómetro* de 2018, situação política e corrupção estão entre os cinco problemas mais importantes do país citados pelos respondentes, na média regional, antecidos por segurança pública, desemprego e situação econômica. Os percentuais somados de situação política e corrupção só ficam atrás da segurança pública entre os problemas mais importantes. Considerando a corrupção isoladamente, ela é o principal problema na Colômbia e o segundo em Bolívia, Brasil, México, Paraguai e Peru.

Para sobreviver a condições adversas, a democracia teve de se domesticar na América Latina (Smith 2005). Essa versão domesticada significou que a democracia foi adquirindo capacidade de se sustentar à medida que a punição de violações aos direitos humanos ocorridas nos regimes autoritários prévios e a realização de reformas que pudessem afetar interesses poderosos foram limitadas inicialmente (Levine e Molina 2007). Aos poucos, diferentes governos adotaram medidas para promover estabilização econômica e redução de pobreza e desigualdade, alimentando as expectativas da população. Porém, essas expectativas têm sido frustradas, como mostram os dados sobre satisfação com a democracia e confiança nas instituições.

As crises políticas alimentam a descrença nas instituições representativas, de legislativos a partidos e políticos, frequentemente envolvidos em corrupção e relações de promiscuidade com o poder econômico, e culminam em instabilidade de governos e destituições ou renúncias de presidentes. Ao mesmo tempo, o desempenho econômico tem sido insuficiente para promover uma redução maior das desigualdades. Há ainda políticas de inclusão adotadas por diferentes governos para beneficiar setores historicamente vulneráveis que, por outro lado, estimulam uma reação à diversificação de espaços sociais até então restritos a certos grupos.

Considerando a discussão teórica e os dados apresentados, o declínio da democracia na América Latina se insere em um cenário de liberalismo antidemocrático, que, conforme Mounk (2019), é característico de regimes que, por um lado, respeitam o Estado de direito e protegem minorias e, por outro, falham em traduzir preferências populares em políticas públicas. A insatisfação com esse tipo de regime se reflete nos indicadores de declínio apresentados e, ao mesmo tempo, estimula a ascensão de movimentos e líderes que, uma vez eleitos,

ameaçam liberdades individuais, agravando o quadro de erosão democrática.

Para operacionalizar o teste de hipóteses, são utilizados indicadores da percepção cidadã sobre instituições democráticas e políticas públicas. Além dos controles para sexo e escolaridade, as variáveis de nível individual selecionadas foram: confiança nas instituições, satisfação com a democracia e experiências com corrupção e violência. Essas variáveis foram utilizadas na análise sobre o declínio democrático ou, no caso de corrupção e violência, estão entre os problemas mais importantes para a população no *Latinobarómetro* de 2018. Também se testa para o contexto latino-americano o achado de Foa e Mounk (2016) de que, em países ocidentais desenvolvidos, jovens são mais propensos a ter posições políticas radicais e apoiar opções autoritárias.

Desse modo, é possível formular as seguintes hipóteses:

H1: cidadãos(ãs) que desconfiam das instituições são mais propensos(as) a apresentar perfil político ambivalente ou autoritário;

H2: cidadãos(ãs) que estão insatisfeitos(as) com a democracia são mais propensos(as) a ter perfil ambivalente ou autoritário;

H3: cidadãos(ãs) que têm experiência com violência e/ou corrupção são mais propensos(as) a apresentar perfil ambivalente ou autoritário;

H4: jovens são mais propensos a apresentar perfil ambivalente ou autoritário.

Aspectos metodológicos⁹

Para testar as hipóteses, foram utilizadas as rodadas do *Latinobarómetro* de 2002, 2009, 2016 e 2018. Esses anos foram selecionados por dois motivos: 1) as perguntas para as variáveis de interesse foram replicadas nas quatro rodadas; 2) são anos que, conforme o caso, coincidem com a virada à esquerda (Levitsky e Roberts 2011) ou onda rosa (Remmer 2012), caracterizada pela difusão de governos esquerdistas na América Latina, com o movimento atual de reação, na forma de uma ascensão de líderes direitistas na região, e com o processo de desconsolidação da democracia em países ocidentais desenvolvidos que foi descrito por Foa e Mounk (2016). A Tabela 1 apresenta as informações sobre as rodadas do *Latinobarómetro* que foram utilizadas.

9 Informações detalhadas sobre as variáveis utilizadas, os testes estatísticos realizados e não apresentados no corpo do texto e os comandos utilizados no *software* R podem ser requisitados por e-mail aos autores.

Tabela 1. Tamanho da amostra por país e rodada do *Latinobarómetro*

País	Rodada e amostra (N)			
	2002	2009	2016	2018
Argentina	1200	1200	1200	1200
Bolívia	1242	1200	1200	1200
Brasil	1000	1204	1204	1204
Chile	1196	1200	1200	1200
Colômbia	1200	1200	1200	1200
Costa Rica	1006	1000	1000	1000
El Salvador	1014	1000	1000	1000
Ecuador	1200	1200	1200	1200
Guatemala	1000	1000	1000	1000
Honduras	1004	1000	1000	1000
México	1210	1200	1200	1200
Nicarágua	1016	1000	1000	1000
Panamá	1010	1000	1000	1000
Paraguai	600	1200	1200	1200
Peru	1224	1200	1200	1200
Uruguai	1200	1200	1200	1200
Venezuela	1200	1200	1200	1200
Total (N)	18522	19204	19204	19204

Fonte: elaboração própria com base em dados do *Latinobarómetro*.

A variável dependente a ser explicada se baseia na tipologia de Moisés (2008), que definiu três perfis de adesão à democracia: democratas, ambivalentes e autoritários. Esses perfis foram construídos pela junção de duas perguntas que são comumente realizadas em pesquisas de opinião. A primeira indaga se o(a) entrevistado(a) concorda com que a democracia é o melhor sistema de governo, enquanto a segunda é aquela com que se avalia a adesão ao regime. A Tabela 2 apresenta as descrições dos três perfis.

Tabela 2. Perfis de adesão à democracia

	“A democracia pode ter problemas, mas é o melhor sistema de governo”	
	Concordam	Discordam
“A democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”	Democratas	Ambivalentes
“Para mim, tanto faz um regime democrático ou autoritário”	Ambivalentes	Ambivalentes
“Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser melhor”	Ambivalentes	Autoritários

Fonte: elaboração própria com base em Moisés (2008, 36).

Considerando que a variável dependente tem três categorias e natureza qualitativa, utiliza-se o teste de regressão logística, que fornece informações sobre a razão de chance de associação entre determinada categoria de uma variável ou uma variável *per se* do conjunto de fatores explicativos com as duas categorias de interação da variável dependente. O teste de regressão tem dois níveis, o individual e o agregado, e dois modelos para cada rodada. No modelo 1, a categoria de interação é o perfil político ambivalente; no modelo 2, o perfil autoritário. Em ambos os modelos, a categoria de referência é o perfil democrático. A Tabela 3 apresenta o coeficiente de correlação intraclasse (CCI) para todos os modelos.

Tabela 3. Coeficiente de correlação intraclasse por rodada e modelo (em %)

Ano	Modelo 1	Modelo 2
2002	5,6	12,2
2009	9,1	16,8
2016	7,1	7,4
2018	9,3	8,9

Fonte: elaboração própria com base em dados de *Latinobarómetro*, V-DEM e *The Polity Project - Center for Systemic Peace* (CSP).

Sommet e Morselli (2017) destacam que o CCI mede o grau de homogeneidade dos resultados entre os países (casos de segundo nível), ou seja, o quanto da variância nas razões de chance de cada modelo pode ser atribuído às variáveis contextuais. O CCI é calculado a partir do modelo nulo¹⁰ (u_0), dado pela fórmula apresentada ao fim deste parágrafo.¹¹ Segundo Lee (2008), é recomendável adotar a regressão de dois níveis quando os valores do CCI atingem patamar próximo ou superior a 0,10. Como esse requisito é satisfeito para a maior parte dos casos e se visa a homogeneizar a técnica empregada para todas as rodadas e modelos, optou-se pela realização das regressões logísticas binárias de dois níveis.

$$\frac{\text{var}(u_0)}{\text{var}(u_0) + (\pi^2/3)}$$

A Tabela 4 apresenta os testes que permitem verificar a heterogeneidade das variáveis preditoras entre os países. É feita a comparação entre a razão de verossimilhança dos modelos intermediários restritos (MIR) e intermediários aumentados (MIA), dada pela diferença entre os desvios dos dois modelos, por meio de um teste de Chi quadrado (Sommet e Morselli 2017). Os resultados significativos indicam a inexistência de homogeneidade, permitindo que se prossiga com os modelos de interação.

10 Os modelos não puderam ser incluídos por questão de espaço, mas estão disponíveis para consulta por meio de solicitação aos autores.

11 O cálculo do coeficiente de correlação intraclasse se dá pela variância do modelo nulo dividido por este valor, acrescido do valor de π ao quadrado dividido por 3.

Foi testada só a variável satisfação com a democracia em cada modelo. Em todos os casos, as variáveis independentes se mostraram heterogêneas entre os grupos (países), o que autoriza que se realize a análise da interação entre as variáveis individuais e dos grupos.

Tabela 4. Razão de verossimilhança dos MIR e MIA ($RV\chi^2$) por rodada e modelo

Ano	Modelo 1	Modelo 2
2002	36***	43,1***
2009	49***	40,4***
2016	35,7***	17,6***
2018	89,4***	17,7***
* $p < 0.05$ ** $p < 0.01$ *** $p < 0.001$		

Fonte: elaboração própria com base em dados de *Latinobarómetro*, V-DEM e CSP.

No nível individual da análise de dados foram inseridos quatro conjuntos de variáveis. Um primeiro se refere à atuação dos governos para a efetivação da ordem social. Parte-se da consideração de que governos íntegros e capazes de pacificar os conflitos sociais tendem a ser mais bem avaliados pela população (Barry 1978). São utilizadas duas variáveis para mensurar essa dimensão: a experiência do(a) entrevistado(a) ou de algum ente da sua família com violência e a indicação de conhecimento por parte do(a) entrevistado(a) de algum ato de corrupção. Para ambos os temas, pede-se que o(a) entrevistado(a) responda com base nas suas recordações dos 12 meses anteriores à realização da pesquisa. As variáveis foram recodificadas como binárias, com a categoria de referência para ambas sendo a não experiência/conhecimento. A expectativa é que a experiência com corrupção e/ou violência aumente a propensão à aceitação de um regime autoritário.

A confiança nas instituições define um segundo conjunto, que se compõe de quatro variáveis: confiança nos poderes Legislativo e Judiciário, nos partidos políticos e no governo. Cada uma é mensurada por uma escala *Likert* de quatro pontos, com as seguintes variações: nenhuma, pouca, alguma e muita confiança. Criou-se, com essas quatro variáveis, um índice de confiança nas instituições,¹² que tem uma natureza linear que varia de 0 a 12 pontos. Elemento clássico em estudos culturalistas, a confiança é internalizada durante o processo de socialização política e atua no sentido de mediar a relação dos cidadãos com a vida pública (Moisés 2008). Aqueles(as) que apresentam maiores níveis de confiança nas instituições democráticas tenderiam a apoiar o regime. Por outro lado, autores como Norris (1999) avaliam que “cidadãos críticos”, um perfil típico das democracias ocidentais desenvolvidas, são fortes apoiadores do regime, mas rejeitam

instituições e mecanismos tradicionais de representação. Em consequência, resultaria em um comportamento com, ao mesmo tempo, baixa confiança nas instituições e forte apoio a princípios democráticos e ao regime.

Uma terceira dimensão se compõe de uma única variável, referente à satisfação com a democracia existente. Essa variável também é medida por uma escala *Likert* de quatro pontos, com as seguintes categorias: nada, pouco, algo e muito satisfeito(a). Embora possa ser encarada como *proxy* de apoio à democracia, muitos estudos, como o de Rose (2002), destacam que a variável se associa mais à satisfação com o desempenho corrente de governos inseridos em uma ordem democrática. Assim, ao contrário da variável utilizada aqui como dependente, sua natureza seria mais volátil e relacionada com o desempenho.

Por fim, tem-se um quarto grupo, composto de variáveis que mensuram características socioeconômicas dos(as) entrevistados(as). A variável para idade é explicativa. As demais, para sexo e escolaridade, são utilizadas como variáveis de controle. Idade e escolaridade são contínuas e medidas, respectivamente, com base na quantidade de anos de vida e de anos de estudo completados, enquanto sexo é uma variável binária.

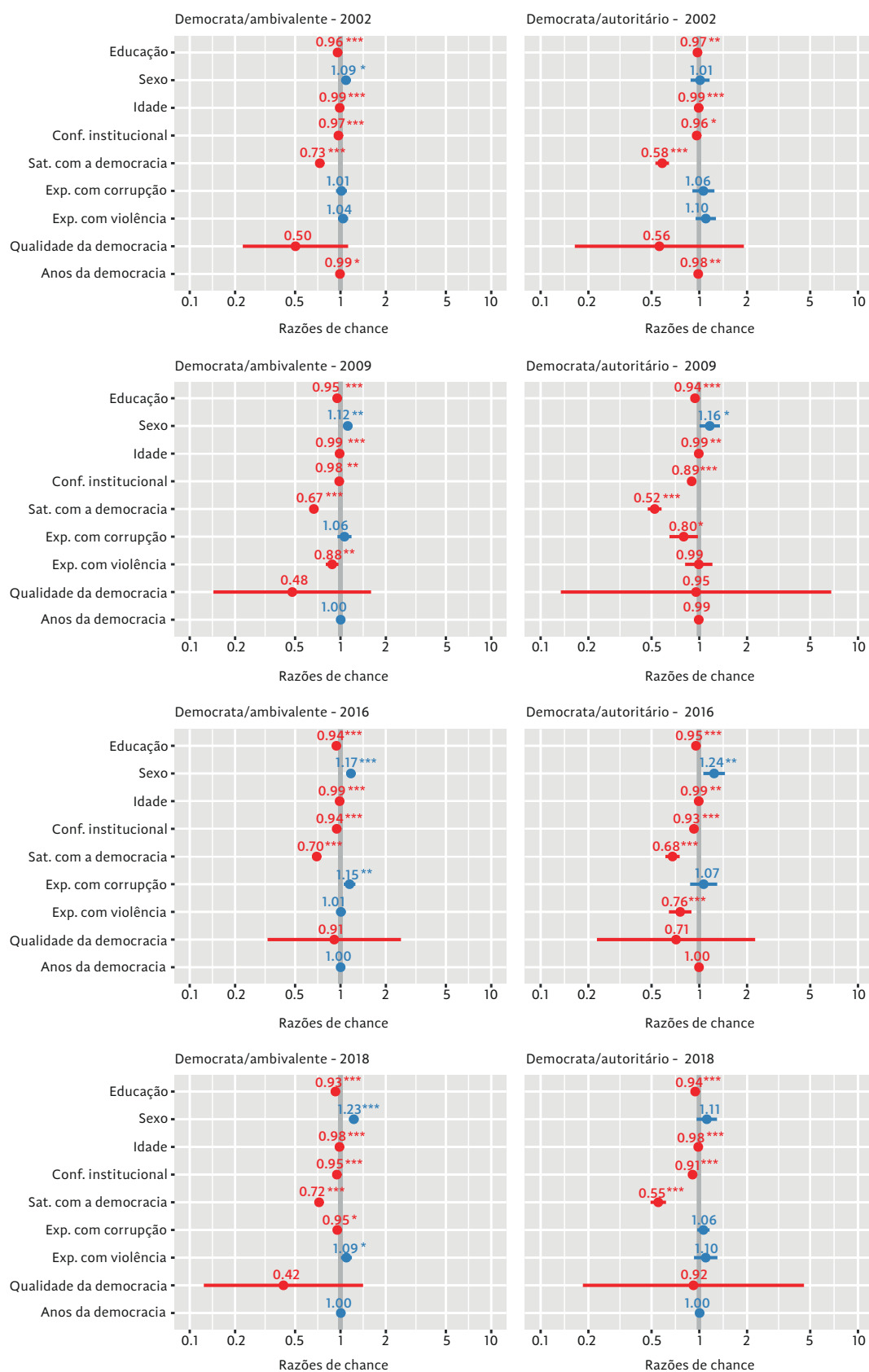
No nível dos países são utilizadas duas variáveis. A primeira é uma medida de qualidade da democracia do projeto V-DEM, o LDI. Trata-se de um indicador construído com base na compilação de uma série de dados e nas consultas com especialistas locais e composto de medidas para integridade das eleições, liberdade de expressão, Estado de direito e existência de pesos e contrapesos, entre outras.¹³ A segunda variável se refere à durabilidade democrática. Coletada na base de dados do projeto *Polity IV*, essa medida representa os anos de vigência de um dado regime. Aqui, só as democracias foram consideradas. Regimes não democráticos foram codificados como 0; as democracias, com os anos de sua duração. Esse procedimento visa a controlar possíveis erros de estimação na probabilidade de cada perfil de adesão à democracia em países não democráticos.

Os fatores explicativos do perfil político autoritário na América Latina

A interpretação dos resultados apresentados a partir de agora se guia pelo diálogo com as hipóteses construídas. O Gráfico 9 apresenta as razões de chance dos modelos 1 (situados à esquerda) e 2 (à direita) de regressão logística binária de dois níveis (nível 1 = indivíduos; nível 2 = indicadores agregados para os países). Esses modelos contêm os efeitos fixos das variáveis do nível individual e considera apenas os efeitos aleatórios dos países, sem estimar a interação entre as variáveis dos níveis 1 e 2.

12 Para realizar esse expediente metodológico, fez-se o teste de *Alpha de Cronbach*, que indicou valor de 0,75, considerado como válido para que variáveis sejam agrupadas em um índice.

13 As informações completas sobre o índice estão disponíveis no endereço <https://www.v-dem.net/>

Gráfico 9. Fatores explicativos do perfil autoritário nos testes de regressão (em razão de chance)

Fonte: elaboração própria com base em dados de *Latinobarómetro*, V-DEM e CSP.

Analisando as variáveis de características socioeconômicas, a educação tem associação estatisticamente significativa com a variável independente em todos os modelos gerados, para todas as rodadas, assim como chance negativa para a associação com os perfis políticos ambivalente e autoritário. Isso significa que, quanto maior a escolaridade do(a) entrevistado(a), menores são as chances de apresentar um perfil ambivalente ou autoritário. Há de se ressaltar que a magnitude é baixa em todos os modelos. Isso se deve à natureza da variável independente, medida de natureza quantitativa e contínua, com de 15 a 17 níveis de escolaridade em cada uma das rodadas de entrevistas. Logo, a chance se mostra reduzida porque se expressa a partir do aumento de cada um dos níveis de escolaridade. Os resultados encontrados para a variável de educação não são uma surpresa, já que a literatura da área de cultura política, tendo o trabalho seminal de Almond e Verba (1963) como exemplo, aponta que maiores níveis de escolaridade se relacionam com uma cultura política cívica.

A idade também se mostrou significativa e com efeitos negativos em todos os anos, ou seja, quanto maior é a idade do(a) entrevistado(a), menores são as chances de apresentar um perfil político ambivalente ou autoritário. A magnitude da chance também é baixa em razão da mesma especificidade explicada para a variável de educação. Os resultados para a variável de idade estão em sintonia com Foa e Mounk (2016), que notaram que, em países ocidentais desenvolvidos, jovens são mais propensos a ter posições políticas radicais e a apoiar opções autoritárias. A tendência verificada nos testes aplicados ao contexto latino-americano autoriza a interpretação de que a hipótese 4 está corroborada.

Quanto ao índice de confiança nas instituições, composto de variáveis de confiança nos poderes Legislativo e Judiciário, nos partidos políticos e no governo, os resultados são estatisticamente significativos e de associação negativa para todos os modelos, em todas as rodadas. Isso significa que confiar nas instituições reduz as chances de o perfil político ser ambivalente ou autoritário. Esses achados corroboram a hipótese 1.

Os resultados para a variável de satisfação com a democracia são evidentes: em todos os modelos, de todas as rodadas, há significância estatística e direção de associação positiva, o que indica que cidadãos(ãs) satisfeitos(as) com a democracia são menos propensos(as) a apresentar um perfil político ambivalente ou autoritário. Com isso, se corrobora a hipótese 2.

Para as variáveis de efetivação da ordem social, não existe uma tendência definida. A variável sobre experiência com violência apresenta associação positiva, mas com significância estatística em só um modelo de uma das rodadas, com os perfis ambivalente e autoritário em 2002 e 2018. Contudo, para as rodadas de 2009 e 2016, variam a validade estatística e o sentido de associação

entre os dois modelos. Já a variável sobre conhecimento de ato corrupto apresenta associação positiva, mas com significância estatística em só um modelo de uma das rodadas, com os perfis ambivalente e autoritário em 2002 e 2016. Porém, para as rodadas de 2009 e 2018, há variação tanto em validade estatística quanto em direção da associação. Com esses resultados, se interpreta que não é possível refutar nem corroborar a hipótese 3.

Quanto às variáveis de segundo nível, não se identificou qualquer tendência. Em todos os casos, não há um padrão de associação, tampouco presença de significância estatística nos dois modelos das quatro rodadas.

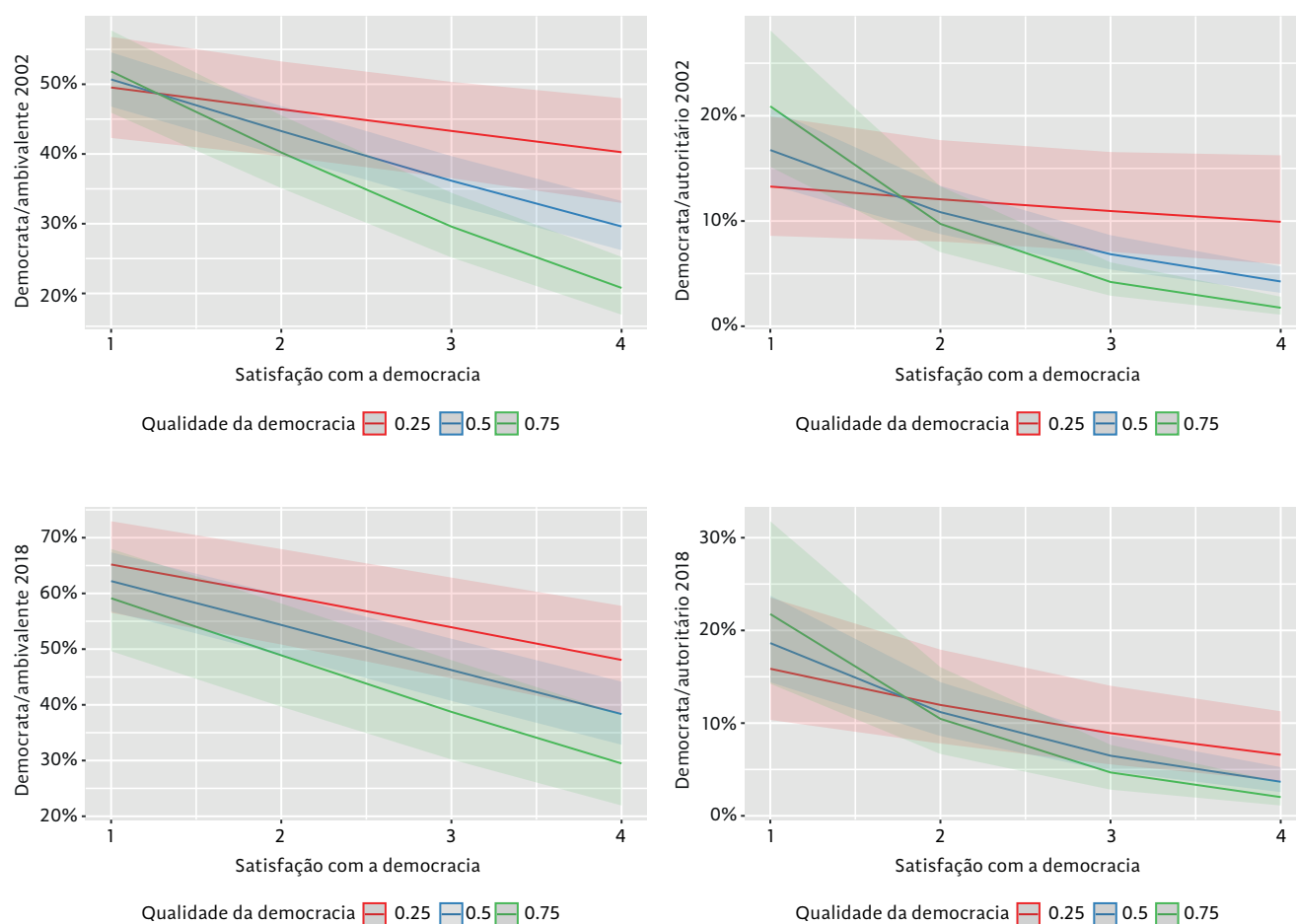
Depois da interpretação dos dados, pode-se afirmar que os fatores mais relevantes para explicar a manifestação de um perfil político ambivalente ou autoritário na América Latina são escolaridade, idade, confiança nas instituições e satisfação com a democracia. Portanto, o(a) cidadão(ã) com perfil político tipicamente identificado como ambivalente ou autoritário é jovem, tem pouca escolaridade, desconfia das instituições e está insatisfeito(a) com o regime. O Quadro 2 sistematiza os resultados dos testes de hipótese.

Quadro 2. Síntese das informações sobre os testes de hipótese

Hipótese	Resultado do teste	Sentença
1	Corroboração	Cidadãos(ãs) desconfiados(as) das instituições são mais propensos(as) a apresentar um perfil político ambivalente ou autoritário
2	Corroboração	Cidadãos(ãs) insatisfeitos(as) com a democracia são mais propensos(as) a apresentar um perfil político ambivalente ou autoritário
3	Nem corroboração, nem refutação	Não se aplica
4	Corroboração	Cidadãos(ãs) jovens são os(as) mais propensos(as) a apresentar um perfil político ambivalente ou autoritário

Fonte: elaboração própria.

A etapa seguinte da análise de dados se concentra na interação entre as variáveis dos dois níveis, o primeiro (individual) e o segundo (dos países). Os testes realizados permitem visualizar a mediação do contexto dos países (nível 2) sobre o comportamento individual com relação à democracia (perfis políticos no nível 1), a partir de uma interação com uma variável do nível 1.

Gráfico 10. Probabilidades previstas para satisfação e qualidade da democracia

Fonte: elaboração própria com base em dados de *Latinobarómetro*, V-DEM e CSP.

No Gráfico 10 é possível observar a probabilidade de se ter um perfil ambivalente ou autoritário a partir da interação entre os diferentes patamares de qualidade da democracia nos países e os níveis de satisfação com a democracia dos(as) cidadãos(ãs) para as rodadas de 2002 e 2018.¹⁴ O que se observa com os resultados é:

- 1) a probabilidade de se ter um perfil político ambivalente ou autoritário diminui à medida que aumenta o nível de satisfação do indivíduo com a democracia, entre todos os países;
- 2) a força da redução dessa probabilidade se intensifica em contextos de maior qualidade da democracia. A probabilidade de rechaço a formas autoritárias de regime cresce entre cidadãos que têm maiores níveis

de satisfação com a democracia. Essa relação é ainda mais forte em países com maiores níveis de qualidade democrática. Ou seja, cidadãos mais satisfeitos com a democracia em países com maior qualidade democrática são menos propensos a apoiar formas autoritárias de regime do que cidadãos mais satisfeitos com a democracia imersos em um contexto de menor qualidade democrática.

O Gráfico 11 apresenta a probabilidade de se ter um perfil ambivalente ou autoritário a partir da interação entre anos de democracia, um atributo dos países, e confiança institucional, um atributo individual. As tendências identificadas são:

- 1) a probabilidade de se ter um perfil político ambivalente ou autoritário diminui à medida que aumenta o nível de confiança do indivíduo nas instituições, entre todos os países;

¹⁴ Os resultados dos modelos de 2009 e 2016 não são expostos e descritos porque são similares aos apresentados nas rodadas de 2002 e 2018, respectivamente.

2) a força da diminuição dessa probabilidade se intensifica em contextos de mais anos de convivência com a democracia. A probabilidade de rechaço a formas autoritárias de regime cresce entre cidadãos que apresentam maiores níveis de confiança nas instituições. Essa relação é ainda mais forte em países com maior longevidade democrática. Ou seja, cidadãos que confiam mais nas instituições em países com maior longevidade democrática são menos propensos a apoiar formas autoritárias do que cidadãos que confiam mais nas instituições em um contexto de menor longevidade democrática.

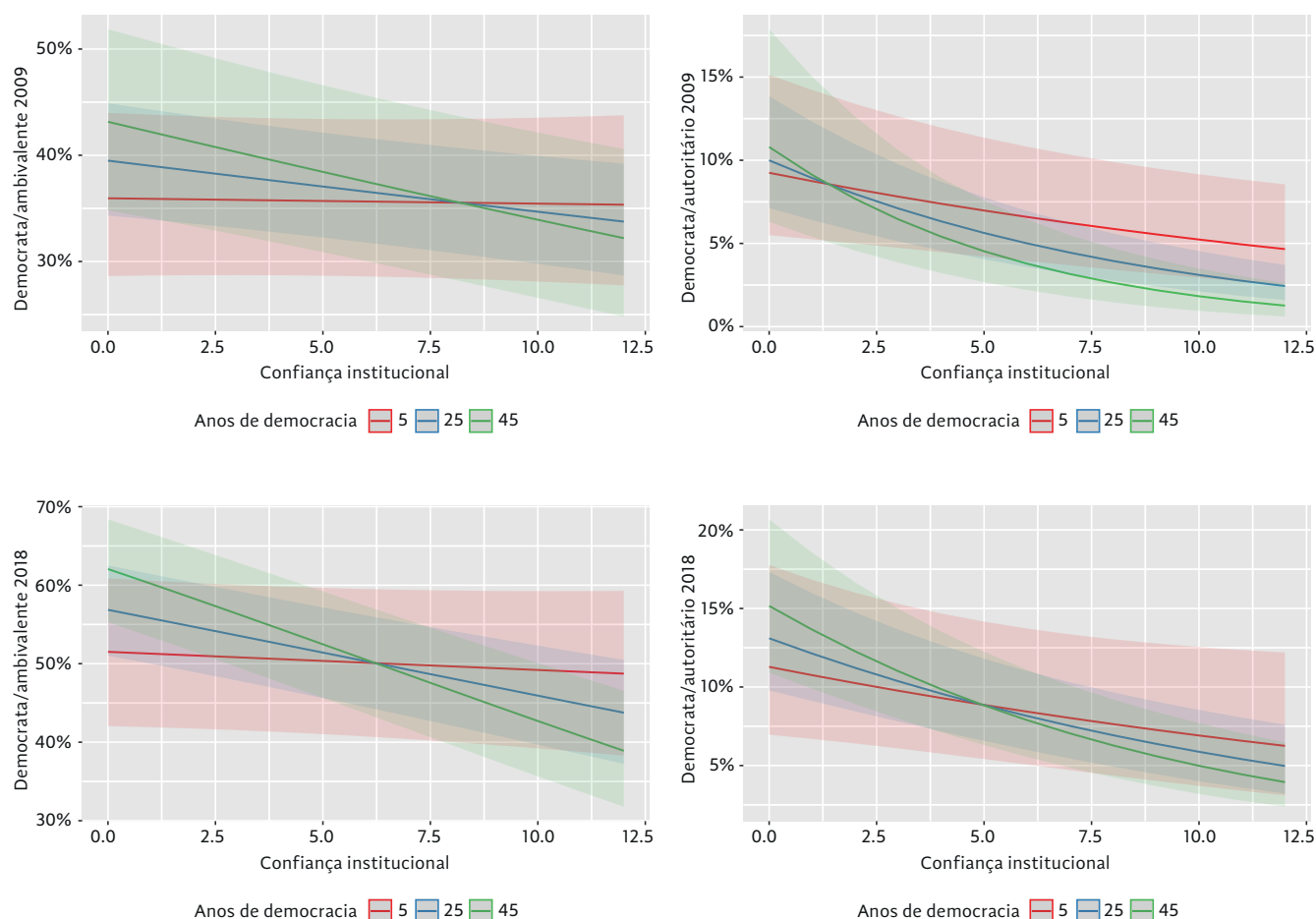
Os resultados das interações entre variáveis apontam que a solidez democrática é um importante recurso para barrar o ímpeto autoritário, formando um escudo institucional que media tanto os efeitos da satisfação com a democracia quanto da confiança nas instituições. A convivência com o regime e sua qualidade são atributos que tornam menos provável o colapso da democracia em decorrência do apoio popular a alternativas antidemocráticas.

Considerações finais

O debate sobre um suposto declínio da democracia no mundo tem sido intenso, com uma série de lançamentos recentes, como os livros de Levitsky e Ziblatt (2018) e de Mounk (2019). Este artigo se concentrou em inserir a América Latina nessa discussão, priorizando o campo de comportamento político e opinião pública, embasando-se em uma série de bancos de dados e apresentando evidências robustas e contribuições ao debate.

A análise longitudinal de indicadores selecionados com base na literatura e no cenário regional mostra que a democracia está em declínio na América Latina. Variáveis como o apoio e a satisfação com o regime, a confiança nas instituições e o LDI, do projeto V-DEM, atingiram ou voltaram a apresentar na região em 2018 os piores valores das suas séries históricas. Não se trata de uma situação circunstancial e isolada no tempo. Tampouco é um dado específico negativo,

Gráfico 11. Probabilidades previstas para confiança institucional e anos de democracia



Fonte: elaboração própria com base em dados de *Latinobarómetro*, V-DEM e CSP.

combinado a outros tantos positivos. O que se observou e apresentou foi um conjunto de indicadores em trajetória descendente.

O artigo também contribui em discutir e testar explicações para essa tendência, buscando fatores individuais e agregadas que se associem aos perfis políticos ambivalente e autoritário da população latino-americana. Esses perfis se compõem de pessoas jovens, com escolaridade baixa, desconfiadas das instituições e insatisfeitas com a democracia. Assim, se identifica que há tanto um componente sociodemográfico quanto de avaliação do desempenho do regime moldando o comportamento avesso à democracia.

Os achados são consoantes a outros estudos recentes sobre o declínio da democracia no mundo em, ao menos, dois pontos. Foa e Mounk (2016) também encontraram que o perfil autoritário em países ocidentais desenvolvidos se compõe de jovens. Ao mesmo tempo, outros dois aspectos dos perfis políticos ambivalente e autoritário da população latino-americana, a desconfiança das instituições e a insatisfação com a democracia, se alinham à explicação de Mounk (2019) para o declínio, que refletiria a insatisfação com uma situação de liberalismo antidemocrático em que o regime falha em traduzir preferências populares em políticas públicas. A insatisfação com esse tipo de regime se reflete nos indicadores de declínio da democracia na América Latina e estimula a ascensão de movimentos e líderes que ameçam liberdades individuais, agravando o quadro de erosão democrática. Com isso, ganham força argumentos a respeito da necessidade de se aprimorar as respostas dos governos às demandas populares, a fim de que o regime e suas instituições tenham mais crédito, em especial com os “perdedores” do sistema, que estão identificados nos perfis políticos ambivalente e autoritário da população latino-americana nas características referentes à idade e à escolaridade.

No âmbito contextual dos países, o que se verificou é que a longevidade e a qualidade da democracia medeiam relações de nível individual, potencializando a aversão a formas autoritárias de regime. O terreno mais fértil à legitimidade democrática é aquele em que há uma convivência longa com uma democracia de qualidade.

Ao fim e ao cabo, não existe tanta diferença entre Europa, Estados Unidos e América Latina quanto aos fenômenos por trás do declínio da democracia e aos perfis sociais afinados com opções políticas autoritárias. O artigo contribui em situar a América Latina nesse cenário e estimular a continuidade dos estudos, para que seja possível aprimorar a compreensão e oferecer respostas ao comportamento avesso à democracia na região.

Referências

1. Almond, Gabriel e Sidney Verba. 1963. *The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. Princeton: Princeton University Press.
2. Alvarado-Espina, Eduardo. 2018. “Una aproximación crítico-contextual al declive de la democracia en la era neoliberal”. *Revista Española de Ciencia Política* 47: 69-91. <https://doi.org/10.21308/recp.47.03>
3. Barry, Brian. 1978. *Economists, Sociologists, and Democracy*. Chicago: The University of Chicago Press.
4. Corporación Latinobarómetro. 2019. “Informe 2018”. Corporación Latinobarómetro, consultado em 27 de março de 2020, http://www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME_2018_LATINOBAROMETRO.pdf
5. Corporación Latinobarómetro. 2020. “Análisis Online”. Corporación Latinobarómetro, consultado em 27 de março de 2020, <https://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>
6. Corporación Latinobarómetro. 2020. “Banco de Datos”. Corporación Latinobarómetro, consultado em 27 de março de 2020, <https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>
7. Crouch, Colin. 2004. *Post-Democracy*. Cambridge: Polity Press.
8. Diamond, Larry e Leonardo Morlino. 2004. “The Quality of Democracy: An Overview”. *Journal of Democracy* 15 (4): 20-31. <https://doi.org/10.1353/jod.2004.0060>
9. Diamond, Larry. 2015. “Facing Up to the Democratic Recession”. *Journal of Democracy* 26 (1): 141-155. <https://doi.org/10.1353/jod.2015.0009>
10. Foa, Roberto Stefan e Yascha Mounk. 2016. “The Democratic Disconnect”. *Journal of Democracy* 27 (3): 5-17. <https://doi.org/10.1353/jod.2016.0049>
11. Foa, Roberto Stefan e Yascha Mounk. 2017. “The Signs of Desconsolidation”. *Journal of Democracy* 28 (1): 6-15. <https://doi.org/10.1353/jod.2017.0000>
12. Fukuyama, Francis. 2015. “Why Is Democracy Performing So Poorly?”. *Journal of Democracy* 26 (1): 11-20. <https://doi.org/10.1353/jod.2015.0017>
13. Gunther, Richard, Nikiforos Diamandouros e Hans-Jürgen Puhle, eds. 1995. *The Politics of Democratic Consolidation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
14. Howe, Paul. 2017. “Eroding Norms and Democratic Deconsolidation”. *Journal of Democracy* 28 (4): 15-29. <https://doi.org/10.1353/jod.2017.0061>
15. Huntington, Samuel. 1991. *The Third Wave: Democratization in the Late 20th Century*. Norman: University of Oklahoma Press.
16. Inglehart, Ronald e Christian Welzel. 2005. *Modernization, Cultural Change, and Democracy: The Human Development Sequence*. Cambridge: Cambridge University Press.
17. Inglehart, Ronald. 2016. “How Much Should We Worry?”. *Journal of Democracy* 27 (3): 18-23. <https://doi.org/10.1353/jod.2016.0053>

18. Kagan, Robert. 2015. "The Weight of Geopolitics". *Journal of Democracy* 26 (1): 21-31. <https://doi.org/10.1353/jod.2015.0001>
19. Lee, Valerie. 2008. "Utilização de modelos hierárquicos lineares para estudar contextos sociais". Em *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*, editado por Nigel Brooke e José Francisco Soares, 273-298. Belo Horizonte: EdUFMG.
20. Levine, Daniel e José Enrique Molina. 2007. "La calidad de la democracia en América Latina: una visión comparada". *América Latina Hoy* 45: 17-46. <http://dx.doi.org/10.14201/alh.2427>
21. Levine, Daniel e José Enrique Molina, eds. 2011. *The Quality of Democracy in Latin America*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.
22. Levitsky, Steven e Kenneth Roberts. 2011. "Latin America's 'Left Turn': a Framework for Analysis". Em *The Resurgence of the Latin American Left*, editado por Steven Levitsky e Kenneth Roberts, 1-28. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
23. Levitsky, Steven e Lucan Way. 2015. "The Myth of Democratic Recession". *Journal of Democracy* 26 (1): 45-58. <https://doi.org/10.1353/jod.2015.0007>
24. Levitsky, Steven e Daniel Ziblatt. 2018. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.
25. Linz, Juan e Alfred Stepan. 1999. *A transição e consolidação da democracia. A experiência do sul da Europa e da América do Sul*. São Paulo: Paz e Terra.
26. Merkel, Wolfgang. 2014. "Is Capitalism Compatible with Democracy?". *Zeitschrift für Vergleichende Politikwissenschaft* 8 (2): 109-128. <https://doi.org/10.1007/s12286-014-0199-4>
27. Moisés, José Álvaro. 2008. "Culturapolítica, instituições e democracia: lições da experiência brasileira". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 23 (66): 11-43. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100002>
28. Mouffe, Chantal. 2000. *The Democratic Paradox*. Londres: Verso.
29. Mounk, Yascha. 2019. *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Companhia das Letras.
30. Norris, Pippa, ed. 1999. *Critical Citizens: Global Support for Democratic Government*. Oxford: Oxford University Press.
31. Norris, Pippa. 2011. *Democratic Deficit: Critical Citizens Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press.
32. Norris, Pippa e Ronald Inglehart. 2019. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. Nova York: Cambridge University Press.
33. O'Donnell, Guillermo, Philippe Schmitter e Laurence Whitehead, eds. 1986. *Transitions from Authoritarian Rule: Comparative Perspectives*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
34. O'Donnell, Guillermo, Jorge Vargas Cullell e Osvaldo Iazzetta, eds. 2004. *The Quality of Democracy: Theory and Applications*. Notre Dame: University of Notre Dame Press.
35. Plattner, Marc. 2015. "Is Democracy in Decline?". *Journal of Democracy* 26 (1): 5-10. <https://doi.org/10.1353/jod.2015.0014>
36. Remmer, Karen. 2012. "The Rise of Leftist-Populist Governance in Latin America: The Roots of Electoral Change". *Comparative Political Studies* 45 (8): 947-972. <https://doi.org/10.1177/0010414011428595>
37. Rose, Richard. 2002. "Medidas de democracia em survey". *Opinião Pública* 8 (1): 1-29. <https://doi.org/10.1590/S0104-62762002000100001>
38. Schmitter, Philippe. 2015. "Crisis and Transition, but Not Decline". *Journal of Democracy* 26 (1): 32-44. <https://doi.org/10.1353/jod.2015.0004>
39. Smith, Peter. 2005. *Democracy in Latin America. Political Change in Comparative Perspective*. Nova York: Oxford University Press.
40. Sommet, Nicolas e Davide Morselli. 2017. "Keep Calm and Learn Multilevel Logistic Modeling: a Simplified Three-Step Procedure Using Stata, R, Mplus, and SPSS". *International Review of Social Psychology* 30 (1): 203-218. <http://doi.org/10.5334/irsp.90>
41. Streeck, Wolfgang. 2011. "The Crises of Democratic Capitalism". *New Left Review* 71: 5-29.
42. The Polity Project - Center for Systemic Peace (CSP). 2019. "Polity5: Regime Authority Characteristics and Transitions Datasets". CSP, consultado em 23 de março de 2020, <https://www.systemicpeace.org/inscrdata.html>
43. Varieties of Democracy Institute (V-DEM). 2019. "Democracy Facing Global Challenges. V-DEM Annual Democracy Report 2019". V-DEM, consultado em 25 de março de 2020, https://www.v-dem.net/media/filer_public/99/de/99dedd73-f8bc-484c-8b91-44ba601b6e6b/v-dem_democracy_report_2019.pdf
44. Varieties of Democracy Institute (V-DEM). 2019. "Liberal Democracy Index (LDI)". V-DEM, consultado em 25 de março de 2020, https://www.v-dem.net/media/filer_public/99/de/99dedd73-f8bc-484c-8b91-44ba601b6e6b/v-dem_democracy_report_2019.pdf

APÊNDICE A. Variáveis e países da análise do declínio da democracia na América Latina**Quadro 3.** Valores por país em 2018

Países	LDI*	Apoio à democracia	Satisfação com a democracia	Confiança nos partidos	Confiança no Legislativo	Confiança no governo	Importância do voto**	Governo de poderosos
Argentina	0,68	57,90	27,10	14,20	25,60	22,40	67,00	82,40
Bolívia	0,40	52,80	26,20	11,80	28,40	33,20	56,20	60,40
Brasil	0,56	33,90	8,70	6,20	12,20	7,10	54,50	90,00
Chile	0,77	58,50	42,20	13,70	17,50	37,80	43,20	74,00
Colômbia	0,48	53,50	25,40	16,00	19,90	21,90	46,60	80,20
Costa Rica	0,83	62,60	45,40	17,40	26,70	33,20	45,00	75,30
El Salvador	0,46	27,70	11,20	6,00	10,10	10,30	38,30	85,80
Equador	0,47	49,80	35,50	17,40	24,50	24,80	63,70	81,20
Guatemala	0,40	27,90	18,40	10,90	16,80	15,30	47,20	70,30
Honduras	0,23	34,50	27,00	12,80	20,70	25,30	36,50	75,20
México	0,53	37,80	15,70	11,00	22,40	16,00	43,80	88,00
Nicarágua	0,06	51,50	20,20	10,40	15,10	20,00	48,50	66,20
Panamá	0,61	42,00	20,50	11,00	26,20	16,10	42,90	82,70
Paraguai	0,43	40,20	23,90	21,00	25,00	26,10	57,40	87,20
Peru	0,62	42,80	10,50	7,20	8,00	13,00	57,10	84,60
Uruguai	0,78	60,80	46,80	21,20	33,00	38,70	57,50	64,50
Venezuela	0,09	74,50	11,80	14,00	20,30	17,40	78,70	85,60
América Latina	0,49	47,57	24,50	13,07	20,73	22,27	52,01	78,45

* A medida da variável é em pontos. Nos demais casos, são percentuais.

** O último ano com dados disponíveis é 2016.

Fonte: elaboração própria com base em dados de V-DEM (LDI) e *Latinobarómetro*.